

Quis a História que a **desconstrução** discursiva do **mito Lula** começasse pela presidente Dilma Rousseff, herdeira dos ganhos e dos ônus do lulismo. E ela o fez, ao eleger e anunciar o **combate à miséria** como **principal compromisso** do seu governo.

Trata-se de uma **escolha corajosa e lúcida**. Afinal, segundo estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), divulgado em Julho de 2010, os **pobres e os miseráveis deste país constituíam**, em 2008, um contingente correspondente a **39,3% da população brasileira**.

A **prioridade do combate à miséria**, formalmente assumida por Dilma Rousseff, além dos méritos que tem como decisão de governo, serve também para desmontar a visão ilusória de um “**Brasil, país de todos**”, mote central do discurso lulista.

LULA, mito a desconstruir

Texto de Carlos Chaparro

A 9 de Novembro de 2010, em Moçambique (por onde passava e brilhava em rituais que lhe eram devidos), o ex-operário Luiz Inácio **LULA** da Silva, então nosso Presidente da República, usou os poderes de mito político para a surpreendente tentativa de nos impor, como verdade, a mentira de que “*o Enem foi um sucesso total e absoluto*”. – e disse isso sem pestanejar, encarando os brasileiros olho no olho, pela mediação mágica da televisão.

No Brasil real, entretanto, e no caso do Enem especificamente, **a materialidade dos fatos desconjuntou a narrativa** proposta em Moçambique pelo Presidente. Aqui, no chão duro dos fatos comprováveis, ganhavam dimensão de escândalo as trapalhadas produzidas pelo Inep, na aplicação do exame nacional do ensino médio. Trapalhadas que logo transformaram o Enem em **objeto preferido da chacota nacional**.

Os sábios das ciências da linguagem e das teorias culturais ensinam que as narrativas míticas fazem parte do acervo de saberes acumulados pela **experiência humana de viver, pensar, sonhar, gozar e sofrer**. São narrativas que não devem obediência às lógicas dicotômicas da **verdade versus a mentira**.

Assim, nos pressupostos do conceito, **mito não mente**. Paradoxalmente, isso lhe permite **apossar-se da liberdade de mentir, e de usá-la**, sempre que convier aos significados da identidade simbólica em que existe.

Mitos vivos agem assim. **Constroem "verdades"** e as tornam itinerantes, para circularem como narrativas nos espaços do imaginário coletivo, para **sedimentar crenças, domar vontades e influenciar escolhas**.

Sirvo-me dessa historinha do Enem apenas como pretexto introdutório, para uma reflexão sobre o mito Lula - reconhecendo, preliminarmente, a sua **extraordinária capacidade de sujeito produtor de "verdades"**, no momento histórico e num processo discursivo em que agia como falante-guia.

As Nações precisam de mitos, e os criam, e deles se servem, para **delinear e impor visões de mundo**. Porque nos mitos se fundem **ideologias e aspirações que movimentam os imaginários sociais**.

Mas para que a História futura não seja enganada pelas histórias do passado, **importa**, aos cidadãos e aos processos do conhecimento, **que os mitos sejam desconstruídos**.

Desconstruir não significa destruir. Como diria Jacques Derrida (1930-2004), escultor do conceito como saber filosófico, **desconstrução é desmontagem**, para que do objeto desconstruído resulte outra coisa, em forma de **explicação**. Trata-se, portanto, de um método gerador de **conhecimentos novos**, para as ações de apreender e atribuir **significados** às coisas e aos nomes da Vida e da História.

No caso do mito **Lula**, a desconstrução deve começar pelo reconhecimento de que nesse nome, que tão fortemente o identifica como sujeito complexo, está **a síntese e a essência** de um tempo político que marcou a História recente do Brasil. O tempo do lulismo.

DEMAGOGIA + EMPATIA

Combinação de um irresistível poder de convencimento

Ao final de oito anos de mandato presidencial, voando em asas infladas por 83% de aprovação popular, o **mito LULA** carregava consigo a definição, a explicação e a representação simbólica de um **poder político individual** deliberadamente exercido.

Em função desse poder, e para o seu contínuo fortalecimento, **Lula sempre agiu estrategicamente** nos amplos espaços do acolhimento popular – nos últimos oito anos, com as **poderosas ferramentas institucionais, humanas e financeiras** do governo conquistado nas urnas. E com os encantos de **sujeito discursivo extraordinariamente sedutor**.

Nas escaladas e no exercício do seu poder pessoal, Lula usou com refinado talento a **arma da demagogia**. Passará à História como **demagogo** espetacular, vitorioso.

Nas sabedorias e nas ingenuidades da Grécia antiga (séculos XII a.C. – VIII a.C.), demagogos eram os **condutores do povo** (*demós/povo, e gôgia/condução*). No caminhar da História, porém, a experiência humana de viver logo ensinou aos etimólogos que não passava de ilusão o sentido atribuído à palavra, em sua raiz histórica.

Isso porque, desde sempre, os demagogos cedem facilmente à tentação de se servirem das massas, **em vez de as servirem**. Assim, os mecanismos da cultura foram agregando à palavra “**demagogia**” os significados pejorativos que atualmente a marcam.

Platão deu contribuição preliminar a esse “enriquecimento” polissêmico, ao sentenciar que *demagogo é aquele que chama boas às coisas que lhe agradam e más às coisas que detesta*. Aristóteles (*Política, livro V*) foi além, ao acentuar que *o demagogo utiliza a lisonja e os artifícios oratórios para alcançar seus fins, mesmo os ilícitos*. Mais tarde, já no século XIX, Lincoln pôs o dedo na ferida maior, colando à palavra “**demagogo**” o sinônimo “**enganador**”. E o fez com uma frase-axioma ainda hoje de uso corrente.

”Pode-se enganar algumas pessoas o tempo todo; pode-s enganar todas as pessoas por algum tempo; mas não se pode enganar todas as pessoas o tempo todo”.

Pelos novos sentidos, **demagogo é**, inevitavelmente, **um sujeito oportunista** que, com alguma dose de hipocrisia, usa habilidades de oratória para manipular mentes e vontades, em favor dos seus objetivos. Muda de opinião sempre que conveniente, adaptando-se às circunstâncias de tempo e lugar, delas tirando proveito.

No caso de Lula, dois recortes exemplares:

1. **ANTES** - Em 1979, no auge da liderança sindical, Lula disse a seguinte frase, num dos encontros que manteve com trabalhadores, durante a sua primeira viagem política ao Nordeste: *“É inadmissível que o governo gaste tanto dinheiro em propaganda, quando o que falta é escola e melhores salários para os professores”*.

DEPOIS - Números do seu governo, divulgados pelos meios de comunicação, sem contestações: a) de 2003 a 2009, a Presidência da República, os ministérios e as estatais gastaram R\$ 7,7 bilhões com propaganda; b) em 2009, só com a publicidade institucional da Presidência da República, foram gastos R\$ 124 milhões.

2. **ANTES** - Em tempos de FHC (a 9 de abril de 2003), quando era o grande líder da oposição, Lula proclamou de forma exaltada a seguinte “verdade” a trabalhadores do semiárido nordestino: *“Antigamente, quando chovia, o povo logo corria para plan-*

tar o seu feijão, o seu milho, a sua macaxeira... Agora, tem gente que já não quer mais isso, porque fica esperando o ‘vale-isso’, o ‘vale-aquilo’(...)” – referindo-se aos programas sociais do governo da época.

DEPOIS - Quando chegou à Presidência da República, Lula criou o “vale único” Bolsa-Família e fez dele o núcleo central do discurso governista na campanha eleitoral que elegeu Dilma Rousseff.

Ainda no campo das oscilações oportunistas de escolhas e opiniões, e sempre que precisou solidificar acordos para a formação maiorias parlamentares, Lula jamais manifestou constrangimento em mudar pontos de vista, para transformar em aliados preferenciais antigos e execrados “inimigos” ideológicos. Entre outros, o “caso” José Sarney expressa de modo especial a flacidez ética e moral da tática de alianças que deu a Lula ampla maioria parlamentar em seus dois mandatos. Exaustivamente chamado de ladrão e corrupto em tempos idos, Sarney passou a ter tratamento de patriota exemplar quando se tornou o mais leal e influente aliado do Governo Lula no Congresso e dentro do PMDB.

Saliente-se, entretanto, que o sucesso avassalador de Lula deve muito à **empatia** nata que ele agrega ao exercício político da **demagogia**.

Na sua vitoriosa retórica de palanque, o presidente Lula sempre misturou, em doses combinadas, três ingredientes bem manipulados: 1) **a exposição ufanista de conteúdos relevantes do que no seu governo dava certo**; 2) **a ocultação sistemática de problemas e fracassos**; 3) **o manuseio habilíssimo de formas demagógicas de dizer** – entendendo-se por demagogia, na definição que prefiro, a “**arte**” de **excitar multidões**.

Acrescente-se que o extraordinário poder de sedução e convencimento do político Lula sempre foi potencializado por outra aptidão que o diferencia como político: a **empatia**.

Lula é naturalmente capaz de **sentir e assumir a verdade emocional “do outro”**. Ao mesmo tempo, consegue que **o “outro” perceba e adira** a esse jogo de **partilhas e permutas**.

São as vias duplas da empatia.

Na vida dos mortais comuns, a empatia constitui-se atributo que ajuda a organizar e a dar sucesso às relações interpessoais. Na vida política dos grandes líderes, porém, a relação empática decisiva não se dá com “**o outro-pessoa**”, mas com “**o outro-multidão**”. Quando um demagogo agrega à sua demagogia a sedução irresistível da empatia, ele passa a dispor de um poder de convencimento que o torna capaz de, rapidamente, transformar pessoas em multidões manipuláveis.

O MITO E A MASSA

O poder de homogeneizar indivíduos e grupos

A 16 de abril de 1980, no auge da repressão policial-militar à histórica rebelião operária do ABC paulista, o governo militar decretou intervenção no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e destituiu a diretoria presidida pelo metalúrgico Luiz Inácio da Silva, o Lula.

De nada adiantou: em vez de encolher, **o enfrentamento sindical recrudescu.**

Recrudescu porque, naquele momento crucial da vida brasileira, que pôs em crise a ditadura militar, **Lula já era bem mais do que um presidente de sindicato;** movimentava-se na cena político-sindical como **o mais importante, poderoso e internacionalmente reconhecido líder popular do País,** capaz de conduzir 150 mil metalúrgicos à greve de 41 dias que, no período abril-maio daquele ano, paralisou a indústria do ABC e acordou a consciência nacional para o dever de lutar por Liberdade e Justiça.

Então, sob a liderança do metalúrgico Luiz Inácio, **o mito político da greve foi resuscitado.** E espalhou-se no imaginário popular, **tendo Lula como protagonista herói** e a **“República de São Bernardo”** como idealização do **seu território de poder.**

Cassado e impedido de entrar na sede do sindicato a que presidia, Luiz Inácio da Silva (que só em 1982 incorporaria oficialmente o apelido **“Lula”** ao seu nome) criou um **sindicato clandestino** e o instalou na Igreja Matriz de São Bernardo do Campo. Com o apoio e sob a proteção de D. Cláudio Humes, então bispo de Santo André.

Lá entrevistei Lula, para o *Portugal Hoje*, jornal diário lisboeta de orientação socialista. Era maio de 1980. A greve, claro, estava na pauta da conversa. Mas o principal objetivo da entrevista era o de ouvir Lula sobre a construção e os rumos do **Partido dos Trabalhadores**, fundado a 10 de fevereiro daquele ano, com o lançamento de um manifesto que o identificava como **“partido socialista e de luta”**, só de trabalhadores. Sem patrões.

A pergunta essencial foi feita:

- Para quê e por quê um partido, se já tem sob sua liderança tão agigantadas massas trabalhadoras, com o enorme poder de intervenção que a greve demonstrava?

A resposta de Lula veio em jeito de arrazoado, que de memória sintetizo:

“Por mais fortes que sejam o sindicato e o sindicalismo, eles estão limitados às suas finalidades pela força da Lei. A via sindical jamais levará os trabalhadores ao cen-

tro do poder político, onde se mudam os rumos da Nação. Pelo partido político, sim, poderemos chegar lá. Por isso fundei o PT”.

Na fala, Lula anunciava de fato o seu projeto político de poder, em função do qual fundou um partido que já nasceu com dimensões nacionais e ousadas ambições eleitorais. Grandeza e ambições alicerçadas no **poder pessoal de Lula**, energizado pelas massas trabalhadoras que o seguiam e **nele se sentiam representadas**.

Outra frase dita então por Lula ficou no meu arquivo pessoal das falas indelévels. Ao avaliar a curta experiência que àquela época acumulava como fundador e principal dirigente do PT, disse ele: **“Estudante e intelectual só atrapalham”**.

Durante vários anos, lembrando a frase, sempre me pareceu um queixume de dirigente pragmático, apressado no empenho de dar ao PT a forma e a natureza da sua própria utopia, **a de levar o povo ao poder**. Hoje, porém, olhando-o como Presidente da República que chegou ao fim do seu segundo mandato com 83% de aprovação popular, faço outra leitura da frase. Naquela sentença de quatro palavras revelava-se a mescla de **intuição e inteligência** que faz de Lula um **ser humano diferenciado**.

Explico.

O **poder político pessoal de Lula** existe, é exercido e sustenta-se pela sua rara **capacidade de fomentar, organizar e conduzir massas**. E um **condutor de massas** só o é quando se mostra capaz de **homogeneizar indivíduos e grupos seguidores**.

Para homogeneizar grupos e subgrupos, boa parte da trajetória política de Lula foi vivida **em cima de palanques**, desde que se tornou dirigente sindical, em 1972. E nos palanques, principalmente mediáticos, exerceu com determinação e talento o poder de **condutor de massas**.

Massa mão é só, nem principalmente, **um conceito de quantidade**.

Não basta ao conceito que o grupo **seja numeroso**, mas que, sendo numeroso, **se constitua um agregado difuso** de subgrupos sem estrutura que lhes dê identidade ou os delimite no espaço. Quando isso acontece, isto é, quando nos subgrupos existem e persistem marcas de identidade ou de delimitação, das duas, uma: ou eles se descolam do todo massivo e seguem rumos próprios, ou aceitam **fundir-se**, num **processo de diluição** que só fortalece o mito.

Esse **processo de diluição** ajuda-nos a entender a candidatura Dilma, **imposta por Lula a todos os subgrupos do PT**. Do mesmo modo, o **“milagre”** da base aliada foi um complicado **jogo político de diluição** de legendas partidárias, no vitorioso caldeirão do lulismo.

Quanto à frase inesquecível, aquela ouvida na Igreja Matriz de São Bernardo do Campo, trazia no bojo a interessante revelação de que, ao fundar o PT, Lula logo percebeu que estudantes e intelectuais resistem a diluições...

BUSCA E DESFRUTE DO PODER

Da pobreza do sequeiro ao mel dos palácios

“Esse menino vai longe”. A predição é atribuída por Audálio Dantas a dona Lidu, no livro **O Menino Lula - a história do pequeno retirante que chegou à Presidência da República** (Rio de Janeiro, Ediouro, 2009). Lançado em novembro de 2009, o livro narra, em texto conciso e claro, a **pobreza dramática** em que se deu o nascimento e o crescimento do menino Luiz Inácio da Silva – e abro um desvio no texto para homenagear a honestidade intelectual de Audálio, que em nenhum momento cedeu à fácil tentação dos exageros emocionais que a história propiciaria. Fez um livro sério, sem concessões a oportunistas político-partidários. E com isso deu importante contribuição à construção e ao entendimento da biografia do mais relevante protagonista da História política recente do Brasil.

Na síntese que dá fecho ao livro e consagra dona Lidu como protagonista da história contada, escreveu Audálio:

“Quando prenderam Lula (em 1980), ela estava muito doente, tanto que ele (Lula) conseguiu uma autorização para visitá-la no hospital.

“D. Lidu recomendou cautela ao filho. (...) Ao mesmo tempo, sentia um grande orgulho dele. As lembranças lhe passaram rapidamente pela cabeça: o abandono no sertão, a viagem no pau de arara, as humilhações impostas pelo marido, a brutalidade dele com os filhos, a fuga para São Paulo, a luta para manter a família.

“Mais tristezas do que alegrias. Porém, no meio de tudo uma cena de intensa luz e alegria. O Lula matriculado no Senai, estudando para ser um operário bem-preparado. Naquele dia, disse para si mesma: ‘Esse menino vai longe’.”

“Esse menino vai longe”... No livro, Audálio Dantas atribui vigor de ápice à fala de dona Lidu – que fala não foi, mas pensamento plausível, literariamente traduzido, de mãe envaidecida por aquele filho que na beirada dos 15 anos, em 1961, ingressou no Senai **para se fazer homem e operário qualificado**.

Embora conquista importante da trajetória política e social do metalúrgico Luiz Inácio da Silva, o diploma obtido no Senai não explica tudo no sucesso alcançado pelo menino Lula, nos vãos da vida. Para voar alto e longe como voou, tanto quanto o diploma, valeu-lhe o aprendizado de viver e sentir, na infância, os efeitos da terrível **injustiça**

sertaneja da seca, da qual fizeram parte as dores e as esperanças da fuga em pau de arara, para a descoberta de São Paulo.

A dura verdade da pobreza nordestina determinou, certamente, as escolhas e os rumos do político Lula. O ferro da fome em terras de Casa-Grande marcou no inconsciente do menino Luiz Inácio as indeléveis cicatrizes que mais tarde lhe ensinariam a compreender as **contradições** do País que ele por oito anos governaria, na realização do mais inviável sonho da sua rebeldia sindical.

Talvez isso nos ajude a compreender a **pressa assistencialista** do programa “Bolsa Família”, mera distribuição de dinheiro aos pobres, sem políticas nem projetos de promoção humana que verdadeiramente gerassem inclusão social. Mas a grandiosidade do programa (cerca de 11 milhões de famílias beneficiadas), intensamente trabalhada pela propaganda oficial, fez do Bolsa Família a face político-ideológica do governo Lula. Sob o rótulo de “transferência de renda”, tornou-se o eixo central da argumentação eleitoral na mais consagrada vitória de Lula, ao eleger Dilma Rousseff.

Quase 50 anos depois da predição de dona Lidu, mais precisamente a 24 de novembro de 2010, o ex-menino Lula ocupou, como tantas outras vezes, o foco ótico da primeira página de um grande jornal (no caso, o *Estadão*). No auge do prestígio de mito político, saboreando prazeres da mais recente vitória eleitoral (**que lhe pertenceu, não a Dilma**), lá estava ele na foto de três colunas, em **pose triunfante**, ao lado de três jovens e lindas mulheres, luxuosamente produzidas.

Com a ironia debochada de que tanto gosta, Lula olhava para o alto, braços erguidos em **gestual de ação de graças**. Para a composição fotográfica, representava, e bem, o papel de homem feliz, enquanto as *socialites* ofereciam exuberantes sorrisos ao cenário. Provavelmente, riam da frase dita pelo Presidente - em tom de brincadeira, é certo, mas dita para ser ouvida pelo Brasil: **“Tá vendo como é bom ser presidente?”**.

Quem se dispuser a tal trabalho, que atribua significados à fala presidencial, **pronunciada para os registros jornalísticos** na noite de 23 de novembro de 2010, em território dos endinheirados de São Paulo, a Hípica Paulista. Qualquer que seja o significado escolhido entre os muitos possíveis, a frase comprova, meio século depois, que **dona Lidu acertou em cheio** na predição de mãe coruja. O seu menino Lula chegou longe, bem mais longe do que aquele diploma do Senai permitiria imaginar.

O diploma recebido em 1963 levou Lula ao núcleo vital da classe operária brasileira, os metalúrgicos. E aí, explodiram nele, **com energia vulcânica**, talentos de comando que rapidamente o tornaram não só **o líder sindical mais importante da história operária brasileira**, mas também **o maior condutor de massas que o Brasil já conheceu**.

Tais talentos lhe deram asas de mito, para planos de vôo que o levariam aos mais altos patamares do poder político. Plenamente desfrutado.

CONSTRUTOR DE UTOPIAS

Ou de “algo que não está em lugar nenhum”

Quem conduz massas com poderes discursivos de mito, **como mito subsiste e se fortalece** na medida em que **constrói utopias, e as espalha**, no espaço abstrato do imaginário social.

Por exemplo, a utopia do **povo trabalhador no poder**, na qual milhões de brasileiros acreditaram, ao eleger Lula. Ou a utopia de que o Brasil se tornou **um país de todos**.

Para entendermos o fenômeno Lula será necessário entrar nos **enlaces que amarram o mito à utopia** – o mito sobrevivendo na contínua retomada de um tempo passado; a utopia colocada como ilusão idealizada para o futuro.

O termo **utopia** também tem raiz grega. Na construção do conceito, a partícula negativa “u” assume função de elemento central de significação. Colada a “**topia**”, de **topos** (lugar), a partícula negativa constrói a idéia de “**não lugar**”, ou de “**algo que não está em nenhum lugar**” – e com esse sentido o termo conquistou vida própria no universo das grandes metáforas sociopolíticas da cultura humana, graças à inventividade literária e filosófica do pensador humanista inglês Thomas More (1477-1535).

More (que viria a ser canonizado em 1935, por sua fidelidade radical à Igreja Católica em tempos de Henrique 8º) entrou na História como autor de **Utopia**, texto publicado provavelmente em 1516, no qual o autor idealiza o Estado perfeito numa ilha a que deu forma de foice da lua crescente – a ilha “Utopia”. (*Na linguagem dos símbolos, a lua em fase crescente representa a idéia da transformação*).

Graças a More, a palavra **utopia** entrou no vocabulário universal para designar o sonho político de **sociedades perfeitas**. Pode também designar ideais de felicidade coletiva ou individual, em função dos quais se organizam as boas lutas por transformações.

Mas a significação de **utopia**, reelaborada pelo uso da palavra nos embates políticos do mundo real, passou igualmente a designar, e de forma cada vez mais apropriada, o discurso **das promessas ilusórias** de felicidade, marca dos **demagogos que seduzem o povo e o manipulam**.

Se usarmos, sem as deformações estatístico-propagandísticas, **os gritos e os fatos do Brasil real** como gabarito de desconstrução do mito, chegaremos à inevitável descoberta de que, nas **verdades e mentiras da entidade discursiva Lula**, foi-nos oferecido o **prato da utopia** em todos os seus significados.

Quem quiser **ouvir gritos e enxergar fatos**, pode ouvi-los e enxergá-los em **postos de saúde e hospitais caóticos** (indicativos de uma governação para a qual saúde não foi prioridade) e em **escolas arruinadas** do ensino fundamental e secundário, esquecidas por políticas de educação que privilegiaram o ensino superior - no qual, reconheça-se, se registraram avanços importantes. E quem quiser, pode também ouvir os gritos e enxergar os fatos da **violência expandida** nas ruas, **em cidades cada vez mais inseguras**.

São **traços fortes da realidade nacional** que a propaganda oficial construtora do mito habilmente escondeu, no esforço estratégico e tático de **nos fazer acreditar que vivíamos numa gigantesca ilha perfeita de felicidade e bem-estar**. Ilha que ganhou nome, e até sobrenome, exaustivamente propalados em divulgação paga: **Brasil, um país de todos**.

Desse Brasil real continuou a fazer parte a **praga tolerada da corrupção** em todas as suas modalidades - do escândalo do mensalão à desfaçatez do empreguismo; dos costumes endêmicos do peculato às espertezas do tráfico de influência; da tolerância com as muitas situações de corrupção legal, em forma benesses e mordomias em cargos públicos, à confessada e protegida desonestidade do “caixa dois” em campanhas eleitorais.

Mesmo desconstruído, o **mito Lula** não será destruído. Resistirá aos tempos, como discurso político de um ideário de poder popular. O mito tem fundações sólidas na emocionante história de um herói que, em lutas sindicais e políticas, e depois de ajudar a derrubar a ditadura militar, tornou-se o primeiro operário a chegar pelo voto popular à Presidência de República.

São marcas históricas irremovíveis.

O mito se fortalece, também, na **memória construída** pelo inquestionável sucesso do governo Lula na sustentação da economia, no ágil enfrentamento da crise financeira mundial de 2008-2009. Na construção dessa mesma memória entra o **simulacro de inclusão social** engendrado com o Bolsa Família. E a “verdade estatística” do surgimento de uma nova classe média, definida pelos números do consumo de bens duráveis, fortemente estimulado pelo crédito fácil.

Ou seja: pela **energia capitalista do endividamento**.

Quis a História que a **desconstrução** discursiva do **mito Lula** começasse pela presidente Dilma Rousseff, herdeira dos ganhos e dos ônus do lulismo. E ela o fez, ao eleger e anunciar o **combate à miséria** como **principal compromisso** do seu governo.

Trata-se de uma **escolha corajosa e lúcida**. Afinal, segundo estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), divulgado em Julho de 2010, os **pobres e os**

miseráveis deste país constituíam, em 2008, um contingente correspondente a 39,3% da população brasileira.

O mesmo estudo, comparando números de 2008 com os de 1995, mostra-nos que, nesse intervalo de 13 anos, uma significativa redução ocorreu nos índices nacionais **da pobreza extrema** (renda per capita de até um quarto do salário mínimo) e **da pobreza absoluta** (renda per capita de até meio salário mínimo). Ainda assim, a pobreza absoluta e a pobreza extrema continuam a ser, sem dúvida, **o maior e mais dramático problema nacional**, a exigir **as ações corajosas e urgentes** que a Presidente da República nos promete.

Entretanto, **a prioridade do combate à miséria**, formalmente assumida por Dilma Rousseff, *serve* também para desmontar a visão ilusória de um “**Brasil, país de todos**”, mote central do discurso lulista.

Como fenômeno político, **o mito Lula precisa, sim, ser desconstruído, para que se torne compreensível e compreendido** - no que é e no que não é; no pouco ou muito que fez pelo que disse ou deixou de dizer; no pouco ou muito que disse pelo que fez ou deixou de fazer; no pouco ou muito que transformou ou conservou – bem como no pouco ou muito que fez ou deixou de fazer pela educação, pela justiça social, pela promoção humana, pelo respeito às leis, pelo aperfeiçoamento da democracia, pela Ética e pela moralidade dos costumes na administração pública.

A desconstrução do mito Lula servirá, também, para expor a lacuna que mais deforma **o todo discursivo** que o constitui: **a renúncia do Lula-Presidente aos deveres de defensor e propagador dos valores éticos**, sem os quais não se constrói nem se vive democracia. O que significa dizer, **a renúncia ao papel de educador cívico**, que as expectativas democráticas atribuem ao Presidente da República eleito.

Para sustentar a afirmação, bastam quatro recortes representativos da constância de comportamentos e falas de Lula com **implícitos efeitos deseducativos**:

- 1) **Os sistemáticos afagos protetores aos “companheiros” e “companheiras” acusados em ações de uso indevido de recursos públicos;**
- 2) **A exagerada e repetida exaltação do fato de ter chegado a Presidente da República apenas com estudos do nível primário** - desvalorizando, portanto, o valor do estudo para a cidadania, a dignidade humana e os interesses da Nação;
- 3) **O silencioso beneplácito presidencial à concessão de passaportes diplomáticos a familiares;**
- 4) **A frase debochada dita no momento em que a Nação reagia escandalizada ao abusivo reajuste dos salários de congressistas (62%), presidente da República (134%), vice-presidente e ministros de Estado (149%), aprovado em regime de urgência, sem discussões, dia 15 de dezembro, no apagar das luzes da legislatura**

passada. Disse Lula, ainda em pleno exercício do cargo de Presidente da República: *“Estou lamentando, porque o Paulinho (deputado Paulo Pereira da Silva) me disse que o Congresso acabou de aprovar aumento para o presidente da República, os ministros... E o Lulinha aqui, ô!... O Lulinha não recebe porque é só para a próxima legislatura”*.

Para quem conquista e ocupa a Presidência da República, **ser educador político do povo é responsabilidade tanto maior quanto mais poderosa for sua liderança.** Também por isso, é lamentável que em tão frequentes momentos o presidente Lula tenha sido um líder deseducativo, em triste desperdício do extraordinário poder de influência que tinha sobre a opinião pública, como grande condutor de massas.